

# A estruturação da oferta numa editora entre dois séculos

Daniel Melo

CHAM, FCSH, UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA, UNIVERSIDADE DOS AÇORES

João Romano Torres (1855-1935) herda, consolida e reformula uma perspectiva de edição vinda do século XIX, que concilia vulgarização de conhecimento e informação com entretenimento para auditórios mais amplos. Inspira-se em figuras como o seu pai, Lucas Evangelista Torres (1822-95), e David Corazzi. Essa herança é visível em questões como a inserção no *métier* (enquadramento familiar), uma certa visão do mundo, estratégias editoriais, redes de negócio e de sociabilidade, e culminando na feitura do catálogo bibliográfico.

Neste capítulo centramo-nos na sua concepção da oferta e do catálogo, ou seja, como concebe a sua oferta de textos sobre a forma de livros, revistas e outros suportes. Tratamos aqui o catálogo numa dupla perspectiva: enquanto plano editorial materializado em variados documentos e que cria uma ordem para os livros, ideias e saberes da modernidade, em diálogo com uma ideia de biblioteca como lugar simbólico que incorpora novas relações temporais, de acumulação, de leitura e de difusão<sup>1</sup>. E enquanto objecto físico, regra geral um folheto tornado público para publicitar o que se vendia em determinado momento, seja impresso seja dactilografado (este para troca de correspondência institucional), sendo que a Romano Torres contém ambos no seu arquivo histórico.

A actividade editorial de João Romano Torres começa em 1877, quando se autonomiza como tipógrafo-editor. Só se afirma em pleno enquanto editor em 1885, com a compra do semanário literário *O Recreio* e a 'criação' duma editora homónima.

1 Jean Marie Goulemot ap. Dutra, 2010: 68/9.

Em 1886 inicia a publicação anual dum almanaque literário e de passatempos e, em 1888, lança a colecção «Biblioteca do “recreio”», inaugurada pela tradução do «romance realista» *A magnetizada*, ainda produzido na tipografia da Minerva Commercial.

A obra mais antiga que até agora consegui identificar com alusão a Romano Torres é de 1889: *Piquillo Alliaga* (romance histórico de Eugène Scribe, com inscrição de “João Romano Torres – Editor” na folha de rosto)<sup>2</sup>. Os anos seguintes servirão para lançar a sua fórmula editorial, combinando obras de referência, divulgação, história e romances.

Assim, a partir de 1891, mas sobretudo desde 1898, reforça a sua aposta na articulação entre história e narrativa de ficção com a edição de romances históricos de diversos autores portugueses, além dalguns estrangeiros. O romance histórico permite-lhe conciliar na perfeição duas das suas áreas de eleição: justamente a história e a literatura de ficção. Isso é patente não só no peso que ambas vão ter no catálogo ao longo dos tempos como no envolvimento do editor na concepção, escrita e tradução de várias obras de história (sobre este assunto vd. verbete biográfico de Afonso Reis Cabral no *site* Romano Torres).

Complementa essas vertentes com o lançamento de dicionários corográfico (1889) e da língua portuguesa e o histórico-enciclopédico *Portugal. Diccionario historico, chorographico, heraldico, biographico, bibliographico, numismatico e artistico*, ambos em 1904. Este último só se finalizou em 1915, ficando como marco e fonte de prestígio para o editor. Entretanto fora lançado o *Diccionario de hygiene e medicina ao alcance de todos* (1908-10), área reforçada com *A mulher medica na familia*, em 1921. Ainda neste ano será a vez da edição integral em livro do *Diccionario universal illustrado linguistico e encyclopedico*, dirigido por Eduardo Noronha, com 11 volumes.

A associação empresarial ao seu filho primogénito, Carlos Bregante Torres, na novel firma João Romano Torres & C.a, em 1907, não alterou as bases desta concepção editorial, mas permitiu diversificar/ enriquecer ainda mais o catálogo, designadamente nos desdobramentos e aprofundamentos (p.e., quanto a autores e paratextos) na área romanesca, desenvolvendo conjuntos delimitados para distintos subgéneros.

Nesse sentido, ao longo do século XX, a editora ficará conhecida pela oferta em vários tipos de “literatura popular” (romance sentimental, romance de aventuras, histórias infantis), romance histórico português, história nacional e universal (encomenda ou ree-

2 O catálogo da Biblioteca do Clube da Sertã data ainda o seu exemplar do *Diccionario universal illustrado linguistico e encyclopedico* como sendo de 1889 (vd. <[http://clubedaserta.pt/cariboost\\_files/Invent\\_C3\\_A1rio\\_20dos\\_20livros.pdf](http://clubedaserta.pt/cariboost_files/Invent_C3_A1rio_20dos_20livros.pdf)>), o que foi seguido em Melo, 2014: 30. Porém, por pesquisa posterior mais detalhada, apurou-se que os fascículos que compõem essa obra têm na capa ou contracapa a indicação de “João Romano Torres & C.ª Editores”, “R. Alexandre Herculano, 70-76”, pelo que só podem ser posteriores a 1906. Uma vez que a edição dessa obra em fascículo vem referida em folha de fascículos iniciais da obra *Os astros e a terra*, então terá que ter começado a publicar-se o mais tardar em 1908, pois é o ano de publicação desta última obra, ap. informação bibliográfica apurada pelo estudioso Jacinto Rodrigues.

dição cuidada), e biografias históricas. Já nos anos 1970, herda o testemunho Francisco Noronha de Andrade, que dirigiu a editora ao mesmo tempo que co-liderou a Associação Portuguesa de Editores e Livreiros. Em meados de 1990, a editora suspendeu a sua actividade, por razões de ordem pessoal e empresarial.

Proponho de seguida uma análise mais fina do catálogo por géneros e subgéneros literários, com o intuito de se aceder a uma compreensão mais profunda do perfil do catálogo e das suas implicações. Essa operação serve para perceber: 1) o grau de representatividade dessa mesma oferta no quadro nacional e internacional; 2) algumas das principais intenções editoriais subjacentes; 3) o lugar dos auditórios e a interacção com os públicos.

A consolidação das grandes áreas de oferta está inextricavelmente ligada ao desenho de um conjunto significativo de colecções. Isto significa que a colecção foi uma das estratégias editoriais básicas para desenhar o catálogo da editora, no que era um dos vários legados oitocentistas e ainda que ela não estivesse tão presente no início. O papel estruturador das colecções verifica-se não só ao nível das grandes áreas como dos subgéneros literários que se pretendia cobrir, e aqui podemos dizer que há uma novidade face ao século XIX, onde a especialização a este nível não estava ainda tão disseminada. O reforço das colecções acompanhou não só a expansão da capacidade editorial da empresa como o reforço da diversificação de públicos, em parte estimulada por essa mesma produção editorial. Ao todo, e no final do itinerário, estamos perante quase 3 dezenas de colecções.

Todavia, há uma área onde esse instrumento não foi tão hegemónico: a área da História. Aqui o enquadramento foi também dado pelo tipo de obras, de carácter enciclopédico/dicionarístico, complementado pelo enquadramento em termos de publicidade editorial e por uma ou outra colecção mais especializada. E há um subgénero, o romance histórico, cuja organização obedeceu sobretudo à divisão por autores, mas sem lhes atribuir colecções próprias. Note-se que o enquadramento enciclopédico/dicionarístico esteve presente noutras áreas, como a medicina.

Vejamos com mais detalhe como se processou a orientação editorial.

Os estudos históricos foram uma aposta central da casa. Investiu forte na edição de grandes obras ligadas à história pátria, como a história de Portugal de La Clède (de 1735, em reedição anotada por uma “Sociedade de Homens de Letras”, aka Fernando Mendes, 1905-10); o referido dicionário histórico (1904-15); a *Enciclopédia histórica de Portugal* (1922-38). Também se dedicou à história de Roma<sup>3</sup>, de França e do Brasil. Em 1935, lança a

3 Editando obra homónima de Victor Duruy, ministro de Napoleão, membro da Academia França e conhecido divulgador de história. No Brasil essa obra foi editada pelos irmãos Garnier (Dutra, 2010:

colecção «Portugal histórico», com obras de Fernando Mendes e do próprio editor Carlos Bregante Torres (sob o pseudónimo de Duarte de Almeida), entre outros.

Nos anos 1950, reforçou a componente de biografia histórica, sobretudo de portugueses, boa parte escrita por encomenda a Mário Domingues. As biografias elaboradas por este autor foram reunidas numa colecção própria, a «Série lusíada» (1962-1981), a qual continha ainda biografias por outros autores e uns quantos estudos históricos não-biográficos recentes.

Estas duas colecções tiveram bom acolhimento e vida duradoura.

Embora tecnicamente pudesse não ser uma colecção, a editora fez questão de agrupar os seus romances, dicionários e enciclopédias históricas sob o mesmo chapéu de “Colecção história nacional” (conforme folheto publicitário para a Feira do Livro de 1943). Tal evidenciava o lugar central que o instrumento colecção granjeava então junto da editora. Mas também evidenciava o papel estratégico da História, e da história pátria em particular, no catálogo da editora, neste caso também acompanhando uma conjuntura política e político-cultural em que os nacionalismos davam cartas, e em sintonia com a reflexão intelectual em torno das Comemorações do Duplo Centenário, que ainda ecoava.

Ainda no âmbito da reflexão retrospectiva, realce para a aposta nalguns livros de memórias e testemunhos: no primeiro, sobre o mundo do jornalismo, um mundo com muitas pontes com a edição (v.g., *Nos bastidores do jornalismo*); no segundo, obras sensação como *Os inquisidores de Hespanha, Montjuich, Cuba, Philippinas* (1898), do cubano de origem espanhola Fernando Tarrida del Mármol. Este é um livro de denúncia do “processo de Montjuic”, de 1896, processo repressivo do Estado espanhol para represaliar um vasto conjunto de anarquistas e ligado à criação da célebre pseudo-organização terrorista catalã Mano Negra<sup>4</sup>. Inaugurou a colecção «Bibliotheca Social Operaria»<sup>5</sup>.

78). Uma *História do mundo ou breve resumo da história universal* do mesmo autor foi editada pela Liv. Sá da Costa com um complemento de actualização feito pelo historiador António G. Mattoso.

4 Sobre o tema vd. Pantoja Antúnez & Ramírez López, 2010; Dalmau i Ribalta, 2011.

5 Houve uma editora homónima, que teve como responsável Nazareth Chagas e que publicou, do republicano Faustino da Fonseca, *Os martyres da revolta: romance histórico da actualidade*, Lisboa, com edições em 1911 e 1913. Entre outros, fez sair ainda *Louca d'amor*, de Xavier Montépin, s. d. Este tem a curiosidade de ter ilustrações assinadas por “P.M.”, o Pires Marinho da Romano Torres, e de ter como endereço a Rua do Diário de Notícias, 102, que foi um dos locais da Typ. O Recreio. Já *Amor d'un anjo ou o segredo da morta*, de Antonio Contreras, apresenta na folha de rosto “Editor - Nazareth Chagas”, que tem como morada a Rua da Barroca, 107, 2.º, também sede da tipografia de João Romano Torres. Outros foram impressos na Imprensa Lucas, na Rua do Diário de Notícias, 93. Trata-se, portanto, dum projecto editorial do tradutor e editor Nazaré Chagas, que muito provavelmente recorreu aos préstimos da tipografia de João Romano Torres e tendo um dos seus livros, eventualmente o primeiro, saído com a chancela deste.

No âmbito da vulgarização apostou em colecções técnicas, como a «Ciencia ao alcance de todos» (desde c.1910) e a «Biblioteca científica sexual»<sup>6</sup>. A primeira pretendeu fornecer informação enciclopédica diversa, adaptando estudos de F. Arago, C. Flammarion e A. Arcimis inicialmente em fascículos, mas teve curta duração. A segunda é hoje quase invisível, ausente dos principais catálogos em linha (sobre o assunto vd. cap. 7 deste livro). Contudo, vários dos seus títulos podem ser adquiridos em *sites* de livreiros antiquários. Também anunciou a colecção «Agrária» no seu catálogo, embora esta fosse do familiar Henrique Torres, que tinha a tipografia principal fornecedora da casa e foi também editor<sup>7</sup>. Já na fase final, editou a colecção «A economia em marcha» (1979-1981), de que saíram apenas 2 títulos.

Quanto a obras de referência e vulgarização científica, publicou ainda dicionários de língua portuguesa, de higiene e medicina e o *Dicionário universal ilustrado*, entre outros.

Ao lado da História, e das obras de referência e vulgarização, o prato forte da Romano Torres foi a literatura.

Nesta área, começou com a supracitada colecção «Biblioteca do “recreio”», da qual apenas se localizou o romance já aludido de 1888. O título era algo vago, e serviria para incluir romances e novelas de distintos subgéneros literários, ao jeito de diversas experiências oitocentistas mais ou menos bem sucedidas. As colecções específicas posteriores serão mais especializadas.

Comece-se pela colecção «Leituras populares. Empreza vulgarizadora dos bons romances» ([1894]-19--), que incluiu obras de dois escritores espanhol então em voga, Enrique Perez Escrich e Manuel Fernandez y Gonzalez. Foram dos cultores mais divulgados do romance-folhetim (moralizador e de mote evangélico, no primeiro caso) e do romance histórico, embora tal colecção integre poucas obras só deste último âmbito.

Excluindo esta colecção, o romance histórico não foi consagrado através da colecção mas sim da estruturação da oferta em torno de autores: portugueses, por um lado, e alguns estrangeiros de nomeada, por outro lado.

Entre os portugueses destaque-se Ladislau Batalha, António Campos Jr., Artur Lobo d'Ávila, Rocha Martins, Eduardo de Noronha e César da Silva. Entre os forasteiros, que surgem primeiro, sobressaem Eugène Scribe (v.g. *Piquillo Alliaga*, 1889), Manuel Fernandez y Gonzalez (v.g., *O Marquez das Sete Igrejas*, 1894), Dumas pai (*A San Felice*, 1901; *O colar da rainha*, 1966), Walter Scott (v.g., *Ivanhoe*).

Quanto ao romance histórico, àquela orientação em torno de autores apenas escapa o romance de aventuras à la Dumas, ele que foi herdeiro do romance histórico da 1.<sup>a</sup> fase

6 Colecção esta que será ligada ao debate neo-malthusiano dos anos 1930, dominado pelo anarquismo libertário e pela Federação Internacional da Regeneração Humana (vd. Freire & Lousada, 1982).

7 Esta colecção divulgou conhecimentos úteis sobre pecuária, horta, floricultura, prevenção, etc.

(v.g., Walter Scott) mas que gradualmente se autonomizou num subgénero próprio. É o caso da colecção «De capa e espada» ([194-]-1963), que serviu “romances de heroísmo e emoção” do século XIX, sobretudo de autores franceses como Albert Blanquet, Ponson du Terrail e Paul Féval (pai e filho), além do próprio Dumas pai (mas também incluindo o *Ruy Blás* de Victor Hugo). O título mais recuado que identificámos data de 1944.

No domínio do romance de aventuras (mas já não de enquadramento histórico/historicista), é ainda criada a colecção «Salgari», em 1910. Embora pudesse tocar várias gerações, as obras deste autor italiano foram publicitadas como “Livros para a juventude, educativos e atraentes”, ao lado dos “romances de aventuras” do seu compatriota Luigi Motta, o qual foi co-autor de vários textos de Salgari. Aquela colecção detinha o exclusivo para a língua portuguesa das aventuras do célebre príncipe malaio Sandokan, desde 1924. Foi continuada por «Nova Colecção Salgari», tendo sido uma das principais fontes de proventos para a editora. Foram complementadas por uma colecção mais abrangente, a «Romance de aventuras», que teve quase duas centenas de títulos<sup>8</sup>.

Para o público infantil (e infanto-juvenil) criou duas colecções, a «Manecas» (anos 1920-50) e a «Gigante» (anos 1940-50).

A «Manecas» foi uma colecção de culto, feita de versões visualmente apelativas de contos e outras histórias com personagens como Branca de Neve, Pinóquio, Gata Borralheira, Alice, etc. Tinha pequena dimensão (19,5x13,5cm) e bom preço<sup>9</sup>. Nela houve ainda lugar para recriar histórias sobre Jesus, St.º António de Lisboa, Vasco da Gama, D. Quixote ou o milagre de Fátima. Surgiu em 1925 pela mão de Henrique Marques Jr., sendo depois dirigida informalmente por Leyguarda Ferreira, ambos referências da casa e tendo escrito diversas histórias e adaptações.

A «Gigante» retirou o seu nome das suas generosas dimensões (32,5x15cm) e destacou-se justamente pelo maior apelo gráfico que assim poderia ser trabalhado pelos ilustradores Júlio Amorim e Alfredo Moraes. A distinção face à «Manecas» advinha do tamanho, e do preço<sup>10</sup>. Teve vida curta e poucos títulos.

Para o público juvenil preferencialmente feminino concebeu-se em 1945 uma antologia colada ao formato de colecção, *O livro das raparigas*. Atingindo os 16 volumes (“séries”)

8 No quadro III do cap. 4 apenas figuram 16 títulos para esta colecção porque não foi possível identificar a respectiva colecção para todos os registos em tempo útil. Ademais, alguns títulos foram publicados em colecções distintas (vd. *A cidade subterrânea*) ou indevidas: vd. caso de *A casa volante*, cuja versão de 1946 figura como n.º 178 da colecção «Salgari», quando o seu autor, Charles Hammond/Hamond, não tem ligação a Salgari e tem outras 10 obras na colecção «Romance de aventuras», caso de *O capitão Chang-Fu*, de 1943.

9 Custo de 3 escudos por exemplar, nos anos 1930 (vd. Patriarca, 2012: 77).

10 Vendidos a 15 escudos cada, nos anos 1950 (vd. APS, 2011). Iniciou-se com *As mil e uma noites*, em 1947, e terá cessado a edição de novos títulos c.1948, ap. anúncios em *O livro das raparigas*, 5.ª e 7.ª séries.

em 1951, foi organizada por uma escritora, Mariália, e novamente buscava cruzar educação e entretenimento. Tal como figurava em publicidade da editora, “Mariália organizou uma esplêndida antologia de leitura sã e agradável, variada e sugestiva”. À imagem da colecção «Salgari», também esta era promovida como sendo para todos os leitores: “O Livro das Raparigas não interessa apenas às raparigas interessa a todos!”. A interpretação que faço desta prescrição é que a editora ambicionava também que os encarregados de educação se interessassem por estes livros. Mormente os familiares femininos, pois os (muitos) autores aí insertos eram quase todos mulheres, havia secções fixas como “as nossas escritoras”/“as nossas novas escritoras”, e alusões ao amor mais associado à mulher: “Quatro poemas de Tagore, o poeta da Mulher e do Amor” (cf. publicidade de 1946 alusiva à “3.ª série”).

Para o público adulto vão sendo destinadas distintas colecções.

Assim, «Dramas da Espionagem», lançada em torno de 1935, serviu “as aventuras dos mais famosos espões internacionais” por um tal de George Lody, pseudónimo usado por João Amaral Jr. enquanto pseudotradutor (vd. Moniz, 2007). Durou meia dúzia de títulos.

Com a «Família Hardy» (1940-51), Leão Penedo e Gentil Marques desenvolveram as aventuras do personagem Andy Hardy ao longo de 5 romances.

Especialmente para um público feminino destinou-se a colecção «Azul» (desde anos 1930), nome também adoptado por outras editoras, como a Editorial Progresso, pois era corrente no estrangeiro e funcionava. Era composta por novelas sentimentais e auto-referenciou-se como “a biblioteca ideal das famílias» (subtítulo). Novamente a Romano Torres alude a um auditório mais amplo enquanto destinatário, porém, o que caracteriza este tipo de colecções (e o subgénero «romance sentimental») é um modelo literário assente no entretenimento, na fantasia, na moralidade e num certo entendimento do lugar da mulher, numa época em que ela foi tida pelos padrões dominantes como a responsável por cuidar do lar e dos descendentes directos, pela manutenção e coesão da família. Independentemente de se averiguar se era ou não “literatura escapista” e se o seu domínio vinha ou não já da I República<sup>11</sup>, o que depende do modo como foi recebida

11 Miranda & Pinto (2009: 96) advogam a prevalência deste subgénero e dos romances de aventuras e policial entre as traduções de romances desde a década de 1910 (1910-30: 58, 64 e 62%, respectivamente). Mesmo que tal indicador seja representativo da oferta total disponível (o que não é comprovado), daí não decorre que essa literatura deixe de ser “escapista” e que a censura do Estado Novo não possa ter condicionado os editores e livreiros “a ponto de conseguir algum refreamento na publicação de obras estrangeiras e nacionais de conteúdo social e político que pudessem ser vistas como subversivas” (*idem*: 97). Ademais, ela teria à partida várias vantagens competitivas, incluindo a facilidade de leitura e a menor exposição à censura política. Censura cujo efeito não se esgotou no que se proibiu (*a priori* ou *a posteriori*), abarcando ainda o que se inibiu. Sendo este de difícil comprovação, não deixa de ser verificável a partir de indícios: a visibilidade da obra de cunho social e político nos anos 1910-20 (bem para além do romance, atenção, apesar daqueles autores afirmarem o contrário, embora sem o comprovarem), a maior diversidade e intervenção da imprensa, a inten-

(e aqui faltam-nos os testemunhos), tendencialmente veiculava um tipo de ideologia mais ou menos conformista, distinta doutras tendências, e isso é preciso ter em conta para a definição não só dos públicos como das políticas editoriais. Nesta colecção «Azul» sobressaíram autoras como Magali, Max du Veuzit, Claire du Veuzit, além da prata da casa: João Amaral Jr., Leyguarda Ferreira e Odette Saint-Maurice.

A partir dos anos 1950, a colecção «Autores modernos» ocupou-se de novelistas (sobretudo anglo-saxónicos) entretanto popularizados, como Bruce Allsopp, Gloria Bevan, Louis Bromfield, Jon Cleary, Joy Packer, Denise Robins e Sara Seale. Era também um modo de fazer face à erosão do tempo sobre as outras obras.

Para um público adulto letrado fez-se a colecção «Obras escolhidas de autores escolhidos» (desde 1944), que se buscou colar ao cânone literário ao ser publicitada como contendo “Obras-primas da literatura universal” (catálogo de 1970). Ofereceu sobretudo autores britânicos: Walter Scott, Wilkie Collins, Nathaniel Hawthorne, Jane Austen, Charles Dickens, irmãs Brontë, etc.

Para o público adulto amante do subgénero emergente do romance policial destinaram-se três colecções.

O nome da primeira colecção, «Aventuras policiais e misteriosas», é auto-explicativo. Surgida em 1935, publicou novelas de A. Galopin, Conan Doyle (da série dedicada a Sherlock Holmes) e Dora, pseudónimo de Aurora Rodrigues, colaboradora da casa. Contabilizámos 7 títulos, até aos anos 1940, havendo um de autor desconhecido (*Três casos misteriosos: novela policial*, n.º 3, de 1941).

A segunda colecção intitulou-se «Reclamo» ([192-]-[196-]), e publicou meia dúzia de novelas de crime e mistério de Ponson du Terrail, Conan Doyle (novamente Sherlock Holmes), Oscar Vaudin e Perez Escrich (deste, apenas *Um sonho de amor*). Esta colecção foi também apresentada com outro nome na folha de rosto dum dos seus títulos, enquanto «Aventuras policiais e misteriosas» (cf. *Sherlock Holmes e a lenda do cão fantasma*, n.º 3, o qual fora publicado na colecção anterior enquanto seu n.º 7, em 1941). Devido a isso, aponto para que seja uma continuação da colecção anterior. Vendeu-se a 3 escudos cada exemplar e publicitava na contracapa os “últimos volumes publicados” na colecção «Azul».

Esta colecção tinha paralelismos com uma outra criada por Henrique Torres enquanto editor, intitulada «Os crimes do Mascara Negra» e que, desde 1925, vendia em fascículos os romances policiais de Oscar Vaudin, aí apresentado enquanto Oscar Richmond. Era publicitada na capa como “romance de amor e aventuras” e, de par, como “Maravilhoso trabalho do rei dos detectives”, figurando um meliante com mascarilha e rematando na

sidade da polémica, etc. Sobre a censura vd. também infra e cap. 7 deste livro. Isto dito, não invalida que se concorde com já haver um público para aqueles subgéneros em 1933.



parte debaixo com: «Grande romance policial»<sup>12</sup>. Esta oscilação entre epítetos era corrente então, sendo extensivo à produção da Romano Torres e do próprio Oscar Vaudin.

Mas a colecção específica mais frutuosa foi «Grandes mistérios, grandes aventuras»/«Grandes mistérios». Iniciou-se em 1943, com *Os cinco suspeitos de Park House*, onde Gentil Marques se disfarçou dum suposto James Strong. Em 1962 reunia já 125 títulos, ao preço de 10 escudos cada. Quando terminou, em 1969, totalizava c. 150 títulos. Publicou várias obras de John Creasey (e seus pseudónimos), um autor inglês que vendeu milhões até aos anos 1970. Apesar disso, e da qualidade do seu arranjo gráfico (embora sem autoria atribuída), não teve a mesma visibilidade de colecções rivais, como a *Vampiro*, editada pela Livros do Brasil. A esmagadora maioria dos autores aí nomeados são pseudónimos de autores portugueses, que inventavam nomes anglo-saxónicos para dar verosimilhança a este subgénero no contexto português. É que a criminalidade dentro de portas era assunto tabu em Portugal... E a censura funcionava, caso alguém ousasse publicar um enredo de crime facilmente identificável com uma situação recente ocorrida no país. Como nota Feitor (2010), esta colecção debutou “numa altura [anos de 1940] em que, oficialmente, não existia criminalidade em Portugal. Por isso todos os volumes eram assinados por nomes estrangeiros (embora na realidade a maioria fosse escrita por um casal português, Gentil Marques e Maria Amália Marques) e os enredos tinham lugar em locais distantes. As capas, impressas em offset em tons de azul, são de uma enorme pujança gráfica. Infelizmente, nenhuma está assinada”.

Nem todas as colecções tiveram sucesso, como atesta «Viagens portuguesas», de que localizámos um único título<sup>13</sup>. É possível que tenham existido mais colecções do que as que listamos em quadro do capítulo anterior, porém, as mais importantes foram aqui focadas.

No cômputo geral, a Romano Torres procurou fornecer uma edição “popular”, que cobrisse áreas do interesse de diversos públicos a preços acessíveis e com modalidades de compra apelativas (v.g., sistema de assinaturas) mas que também fosse ao encontro das competências e gostos dos editores da própria casa. O embaretecimento (ou preço competitivo) foi central para garantir um maior auditório junto das classes médias

12 Vd. capa de “fasciculo especimen” em <[http://www.coisas.com/Os-Crimes-do-Mascara-Negra-Vol-1--Oscar-Richmond-Vaudin,name,221546247,auction\\_id,auction\\_details](http://www.coisas.com/Os-Crimes-do-Mascara-Negra-Vol-1--Oscar-Richmond-Vaudin,name,221546247,auction_id,auction_details)>. O estudioso A. J. Ferreira afirma que nos anos 1920-30 Henrique Torres “rivalizou” com o irmão “na satisfação do mercado de literatura popular de alta tensão e baixo preço”, nomeadamente via edição de policiais, traduzidos ou pseudo-traduzidos por “jornalistas-literatos” como A. Victor Machado (enquanto Max Fred, Victor Germain, etc.), o qual também trabalhará para a Romano Torres, tal como o ilustrador Alfredo Moraes; cit. Sá & Rego, 1998: 50.

13 Trata-se de *Portugueses e ingleses em África: romance científico*, de Albino Estêvão Victoria Pereira, editado em 1892, <[http://www.archive.org/stream/portuguezeseing00peregoog/portuguezeseing00peregoog\\_djvu.txt](http://www.archive.org/stream/portuguezeseing00peregoog/portuguezeseing00peregoog_djvu.txt)>.

(popularização) e para servir de diferenciador face à concorrência. Prosseguia o legado dos editores oitocentistas orientados para a expansão dos cidadãos-leitores, e que teve em Corazzi o maior representante quanto a edições mais baratas, parte dela escoada justamente através da venda por fascículos (Far, 2010: 91). Esta modalidade foi central na estratégia da Romano Torres, sobretudo até aos anos 1920 e para a venda das obras em vários volumes. “Popular” também no modo de transmissão de conteúdos mais edificantes, como a História, pois parte dos conteúdos relativos a esta área eram difundidos sob a forma de dicionários enciclopédicos, portanto, de escrita mais simplificada, compactada e concisa, donde, de leitura menos densa, e menos contínua. Ou sob a forma de biografias, uma forma menos abstracta e árida de veicular os ensinamentos históricos, no entender de muitos.

Seja como for, conciliou uma produção supostamente mais séria, ou reflexiva e instrutiva, com outra de pendor mais recreativo. Nestas, as “aventuras” que cobrem várias colecções revelam o apelo da acção, não só individual. À acção junta-se, ou sobrepõem-se, as emoções e os sentimentos, p.e. nas colecções de romances sentimentais ou ‘clássicos’, mas todo o romance tem também espaço para a reflexão. A articulação “sério”-“recreativo” fez-se através de obras com uma rotação mais rápida e obras cuja disseminação era mais lenta, sendo estas apostas a pensar no médio e longo prazos, mas que podiam também trazer proveitos significativos. As primeiras, onde se incluem os chamados *best sellers*, recaíram sobretudo no grupo da produção dita mais recreativa, podendo haver excepções. Ora, esta articulação não encaixa no tipo de proposta analítica dualista assente num pólo de produção literária de rotação rápida e noutra de rotação lenta centrado em autores de longa duração, embora o seu proponente (Bourdieu, 1999: 20) também ressalve que certos editores tentam conciliar ambas as estratégias<sup>14</sup>. Seja como for, tal proposta define o campo da edição e das traduções no quadro internacional actual (Sapiro, 2009: 249/50), sendo portanto operativa para muitas outras editoras.

Outra marca da oferta da Romano Torres é o seu forte recurso às traduções, sobretudo de obras de língua francesa e inglesa, mas também do castelhano e do italiano, como se comprova no capítulo anterior. Aqui trata-se apenas de notar que essa característica era uma tendência internacional, pois a tradução tornou-se o modo de circulação principal do livro a partir de meados do século XIX (Sapiro, 2014: 3).

Como referimos supra, a propósito de Carlos Bregante Torres/ A. Duarte de Almeida, os fundadores da empresa deixaram transparecer o seu gosto próprio até na coordenação, escrita e tradução de obras para a sua editora, já para não falar das influências que receberam de familiares e doutras personalidades do século XIX. Essas predisposições e

14 Sapiro (2009: 250) considera que, no domínio das traduções, um pólo de rotação lenta abarca os livros ditos “sérios”, *littérature «haut de gamme»* ou *upmarket*, e às ciências humanas, enquanto o de rotação rápida abarca *best sellers* internacionais, *thrillers*, romances rosa e livros práticos.

apetências tiveram que se articular com a vontade de viabilizar o negócio dentro duma estrutura familiar, circunscrevendo-se assim nos limites duma editora de dimensão modesta muito preocupada com a sua estabilidade financeira e com uma expansão consolidada, hoje diríamos “sustentável”. A aposta na estabilidade e na segurança empresariais é demonstrada noutra estudo deste livro sobre a evolução da editora nos primeiros tempos (vd. cap. 2). Esse contexto ou espaço de manobra, articulado com a orientação editorial, implicou deixar de fora muitas áreas que eram exploradas pela edição nacional e internacional, com maior ou menor intensidade. Refiro-me a certas áreas e tendências da literatura, da poesia e teatro às novas correntes literárias (neo-realismo, surrealismo, existencialismo), ao desporto, etc. Com presença muito residual surgem as áreas da filosofia, psicologia, matemática e artes, bem como o ensaio mais polemizante, em especial o de ciências sociais e humanas, que se afirmará no pós-II Guerra Mundial, sobretudo a partir dos anos 1960. Também foi modesto o contributo na área das publicações periódicas, tendo-se ficado por um élan inicial. Bem como para a religião, apenas coberta por alguns livros para crianças (v.g. *O milagre de Fátima*, 1943), em estudos biográficos sobre Santo António (c.1895) e pe. António Vieira (1952), no ensaio *O espiritismo* (1921), na antologia *Histórias maravilhosas da Bíblia* ([1940]), na formulação piedosa dalguns romances sentimentais da colecção Azul e no livro *Os segredos do Vaticano* (1984). Tudo o que fazia a produção de outrora nesta área era olvidada: sermões, livros de orações sacras e de moral cristã, versões integrais da *Bíblia*, etc. Todavia, essa não era uma tendência genérica: vd. a presença expressiva no catálogo dos Frères Garnier relativo a 1920 (Dutra, 2010: 84). Outra característica importante foi que a produção proveio quase toda dos séculos XIX e XX, com a excepção mais relevante na literatura universal infanto-juvenil, quanto à adaptação de contos originalmente escritos anteriormente. Nota-se uma tentativa de conciliar obras já conhecidas e consagradas (pelo público e/ou pela crítica e letrados), mesmo que com algumas décadas de existência (p.e., Scott e Dumas), com outras mais recentes, sobretudo no domínio da narrativa de ficção estrangeira. Os romances de ficção com data mais recuada eram geralmente obras do cânone literário (v.g. literatura inglesa inserida na colecção «Obras escolhidas de autores escolhidos») ou de folhetinistas populares, como E. Perez Escrich.

A tónica no “popular” é muito evidente nos primeiros tempos. Na publicidade que a editora faz sair, em suportes seus ou doutras editoras, era comum valorizar-se livros seus com esse epíteto: p. e., os manuais didácticos para o lar, apresentados como “manuaes populares”. No dicionário enciclopédico *Portugal*, de 1904, o texto de abertura assinado pelo editor é todo um programa neste sentido (Torres, 1904: 1). O estudo da evolução do catálogo da Romano Torres revela-nos a preocupação com a cobertura de distintos nichos do mercado editorial, contemplados com colecções filiadas em distintos mas complementares géneros ou subgéneros literários. No início a organização da oferta foi feita recorrendo a diversos mecanismos, como a arrumação por autores, temáticas,

colecções, etc., comprovável por um conjunto de fontes documentais produzidas pela editora<sup>15</sup>. O papel da colecção tornou-se mais saliente desde os anos 1930, em sintonia com o contexto internacional<sup>16</sup>. Verifica-se também uma atenção a novos *best-sellers* que irrompiam no estrangeiro e a capacidade de suprimir colecções quando não tinham a procura desejada.

Retomando a questão da complementaridade, ela também é evidenciada pelos testemunhos de leitores que conseguimos recolher. Neles são patentes articulações entre distintos autores, temas, colecções, etc., inclusivamente entre obras potencialmente dirigidas a públicos muito distintos mas que surgem combinadas na lista de preferência de leitores individuais. Refiro-me, p. e., ao caso da escritora Odette de Saint-Maurice, que combinou Salgari com Dumas, Scott, Dickens, Jane Austen e irmãs Brönte na sua lista de leituras (Barreira, 1993). Outro exemplo é o de Cecília Barreira, que na sua mocidade leu autores tão distintos (quanto ao cânone literário, escolar, etc.) como Salgari (Sandokan), Dumas, Scott, Dickens, Zola e Odette de Saint-Maurice, romances sentimentais e romances históricos, a colecção Manecas (Barreira, 2014). Complementaridade também existente a nível de leituras partilhadas por sucessivas gerações na mesma família, como quanto ao livro *A cabana do pai Tomás*, de Harriet Beecher Stowe (v. o. 1851/2), lido por Cecília Barreira, por seu pai e por seu avô (Barreira, 2014)<sup>17</sup>.

Outro aspecto relevante que a simples análise do catálogo não permite vislumbrar remete para certas opções de tradução. Não se trata da escolha de títulos em concreto, mas sim de manipulações dos textos que se pretendiam traduzir no sentido de reduzir o seu tamanho, de os dividir por vários volumes, de os adaptar a uma certa perspectiva de leitura, supostamente mais acessível e atraente. A esta opção subjazia uma estratégia de vendas. Esta questão foi já tratada para a colecção Salgari (Sá, s. d.) e em termos mais genéricos, relacionando-a com práticas correntes no mercado editorial português (v.g., Moniz, 2007).

Este aspecto remete indirectamente para a questão da qualidade das traduções, parte delas recebendo críticas sobre a sua reduzida qualidade. Neste sentido, a edição dita “comercial”, mais interessada nas vendas e no lucro, implicava redução de custos em várias frentes, o que era uma prática genérica.

15 Além de documentação vária do Arquivo Histórico João Romano Torres, saliente-se os catálogos que a editora ia publicando e os anúncios publicitários que fazia sair, fosse nos seus fascículos e livros, fosse no de editoras rivais, fosse na imprensa.

16 Vd. caso da editora francesa Garnier Frères, que apresenta as colecções “como novo elemento organizador das obras no interior do catálogo” apenas em 1912/13 (Dutra, 2010: 83).

17 O exemplar ou exemplares que circularam nesta família podem não ser os que têm chancela da Romano Torres: há versões doutras editoras, de 1853 e de 1933, pelo menos.

## Bibliografia

- APS (2011), "Leituras antigas XXXVI: coleção Gigante", *Arpose*, 2/X, <<http://arpose.blogspot.pt/2011/10/leituras-antigas-xxxvi-colecao-gigante.html>>.
- BARREIRA, Cecília (2014), "O meu pai e a Romano Torres", texto inédito destinado ao site Romano Torres, <<http://fcsh.unl.pt/chc/romanotorres/?p=14014>>.
- BARREIRA, Cecília (1993), "Odette de Saint-Maurice", *Confidências de mulheres: anos 50-60*, Lisboa, Círculo de Leitores.
- BOURDIEU, Pierre (1999), "Une révolution conservatrice dans l'édition", *Actes de la recherche en sciences sociales*, n.º 126-127, p. 3-28.
- CORTEZ, Maria Teresa (2007), "Henrique Marques Júnior e as «bibliotecas» infantis e juvenis", in Teresa Seruya (org.), *Estudos de tradução em Portugal*, Lisboa, Universidade Católica Editora, vol. II, p. 169-81.
- DALMAU I RIBALTA, Antoni (2011), "Retrato de un indignado", *El País*, 20/VIII, <[http://elpais.com/diario/2011/08/20/opinion/1313791210\\_850215.html](http://elpais.com/diario/2011/08/20/opinion/1313791210_850215.html)>.
- DUTRA, Eliana de Freitas (2010), "Leitores de além-mar: a Editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil", in Aníbal Bragança e Márcia Abreu (orgs.) *Impresso no Brasil*, S. Paulo, Editora UNESP, p. 67-87.
- FAR, Alessandra El (2010), "Ao gosto do povo: as edições baratíssimas de finais do século XIX", in Aníbal Bragança e Márcia Abreu (orgs.), *Impresso no Brasil*, S. Paulo, Editora UNESP, p. 89-99.
- FEITOR, José (2010), "Alteração ao plano de edições para 2010", *Imprensa Canalha*, 8/IV, <<http://imprensacanalha.blogspot.pt/2010/04/alteracao-ao-plano-de-edicoes-para-2010.html>>.
- FREIRE, João, LOUSADA, Maria Alexandre (1982), "O neomalthusianismo na propaganda libertária", *Análise Social*, n.ºs 72-74, p. 1367-97.
- MELO, Daniel (2014), "Romano Torres – a case study of a Portuguese publishing house", *Logos-Forum of the World Book Community*, vol. 25, n.º 2 (Maio/Junho), p. 28-38, ISSN 0957-9656.
- MELO, Daniel (2013), "Para uma história da edição no Portugal contemporâneo: estudo de caso das Edições Romano Torres", in Maria Fernanda Rollo (coord.), *Atas I Congresso de História Contemporânea*, s. l., IHC/CEIS20/Rede História, Maio, p. 555-65, <<http://run.unl.pt/bitstream/10362/10684/3/Actas%20I%20Congresso%20Hist%C3%B3ria%20Contempor%C3%A2nea%20.pdf>>.
- MELO, Daniel (2013), "O intelectual no seu labirinto: alta cultura, romance moderno e nacionalismo no tardo-oitocentismo português", *Romance Studies*, vol. 31, n.º 2, Abril, p. 123-135, ISSN 0263-9904.
- MIRANDA, Carlota, PINTO, Alexandre Dias (2009), "Traduzir em vésperas de Estado Novo: a tradução literária em Portugal entre 1930 e 1932", in Teresa Seruya et al. (org.), *Traduzir em Portugal durante o Estado Novo*, Lisboa, Universidade Católica Editora, p. 87-100.
- MONIZ, Maria Lin de Sousa (2007), "A case of pseudotranslation in the Portuguese literary system", in Teresa Seruya (org.), *Estudos de tradução em Portugal*, Lisboa, Universidade Católica Editora, vol. II, p. 200-209.
- PANTOJA ANTÚNEZ, José Luis, RAMÍREZ LÓPEZ, Manuel (2010), *La Mano Negra: memoria de una represión*, 2.ª ed., Quorum editores.

- PATRIARCA, Raquel (2012), *O livro infanto-juvenil em Portugal entre 1870 e 1940 – uma perspetiva histórica*, Porto, FLUP, tese de doutoramento em História.
- PIRES, Maria Laura Bettencourt ([1982]), *História da literatura infantil portuguesa*, Lisboa, Vega.
- SÁ, Luís, RÊGO, Manuela (coord.; 1998), *O caso do policial português*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.
- SÁ, Marques de (s. d.), "A coleção Salgari das Edições Romano Torres", *Emílio Salgari* [sítio de Internet], <<http://salgari.com.sapo.pt/Colecao.html>>.
- SAPIRO, Gisèle (2014), "Inégalités et rapports de force sur le marché mondial de la traduction", *Bibliodiversity*, n.º 3, p. 3-6.
- SAPIRO, Gisèle (2009), *L'espace intellectuel en Europe. De la formation des États-nations à la mondialisation XIXe-XXIe siècle*, Paris, La Découverte, ISBN 9782707157805.
- TORRADO, António (20–), "Livros à mão e outros que não", *Casa da Leitura*, <[http://195.23.38.178/casa-daleitura/portalpha/bo/documentos/lmi\\_torrado\\_a.pdf](http://195.23.38.178/casa-daleitura/portalpha/bo/documentos/lmi_torrado_a.pdf)>.
- TORRES, João Romano (1904), "Ao leitor", in *Portugal*, Lisboa, João Romano Torres – Editor, vol. I-A, p. [1].